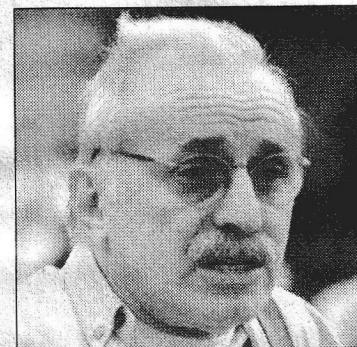


O otimismo precipitado

MILTON TEMER

JORNALISTA



O governo Lula reproduz os mesmos ciclos que FHC não cessou de gerar. Num dia crise; no outro, euforia. Tudo dependendo do fluxo de capitais especulativos

Durou menos tempo do que o previsível, diante do ufanismo marcante das manchetes anteriores. Mas está aí, e não é para festejar só porque comprova a leviandade com que porta-vozes governistas transformam notícias conjunturais em tendências irreversíveis.

O desemprego voltou a crescer. A renda média salarial voltou a cair. E, mais grave ainda, os índices negativos são anunciados no contexto de mais uma elevação da taxa de juros, que o Banco Central previne ser o primeiro passo para altas futuras. Anunciados no contexto de um superávit primário recorde, bem acima do exigido pelo FMI – destinado, é claro, ao gáudio dos grandes especuladores com títulos do governo, e à tristeza dos que vêem massacrados os investimentos públicos em áreas estratégicas. Superávit, aliás, que Dirceu e Palocci não hesitaram em defender simultaneamente, embora diante de platéias distintas.

Ou seja; o governo Lula reproduz os mesmos ciclos que, com a aplicação até mais moderada do mesmo modelo macroeconômico, o governo FHC não cessou de gerar ao longo dos oito anos de mandarinato tucano-pefista. Num dia, crise. No outro, euforia; tudo dependendo do fluxo de capitais especulativos à disposição do famigerado “mercado”. Nunca é demais repetir, aliás, que o aumento de investimentos estrangeiros, neste ano, correspondeu a um índice de desnacionalização de empresas nacionais 50% maior ao registrado

no mesmo período de 2003. Ou seja, o dinheiro que entrou não veio para gerar novos espaços produtivos, com o respectivo aumento de postos de trabalho. Veio para se apossar do que já existia, e transformar os antigos proprietários em rentistas; em novos participantes da esbórnia especulativa, hoje hegemônica no país.

O questionável, nesse conjunto de eventos importantes, é a rapidez com que, os ufanistas dos dados anteriores – nos gabinetes ou em algumas colunas de peso –, se escafederam de comentar os novos índices. O ôba-ôba se manteve o tempo necessário a criar a ilusão de que, enfim, entrariamos no caminho-sem-volta do crescimento virtuoso. Os dados negativos sumiram das considerações, já no dia seguinte da divulgação.

Mas a vida não continua tensa apenas por conta do modelo econômico. A excelente reportagem de Paulo de Tarso Lyra, Hugo Marques e Sergio Pardellas, aqui no Jornal do Brasil, trouxe à luz algo que continua a existir no Congresso: a compra de votos dos parlamentares. Provas? Quase impossíveis de obter. Mas não menos impossível é encontrar algum parlamentar, minimamente informado, capaz de assumir que tais práticas não existiam até o advento do governo Lula.

E como responde a líder do PT no Senado, diante da denúncia atual, e por conta da abertura de investigação, já anunciada pelo presidente da Câmara? Responde, comparando seu governo ao anterior, onde até provas surgiram, na emenda da reeleição, e nada ocorreu.

De acordo. Mas era isso o exigido do partido antes identificado com a crítica implacável dos que atentavam contra a ética no trato da coisa pública? Fazendo-se igual ao que antes repelia? Verdade que não é esta a primeira citação sobre irregularidades dos mais diversos tipos. Mas, francamente... já não se trata do antigo patrimônio de esperança da esquerda mundial, quando se fala em PT. Não se trata mais do partido que, ao assumir da prefeitura de Porto Alegre, longe de se submeter às chantagens da maioria parlamentar conservadora, neutralizou-a com o Orçamento Participativo. Dando os primeiros passos para um, hoje distorcido, exemplo de democracia direta, no contraponto das limitações da democracia representativa.

No quadro atual, simbólico e pateticamente definidor é o cenário da pequena política carioca-fluminense. Em que os próceres petistas, sem expressão social, mas com força na máquina, outrora favoráveis à subordinação incondicional a Garotinho, o transformam em alvo principal para justificar apoio ao candidato tucano em Campos, por cima da candidatura lançada pelo PT local. Isto, somado ao casamento com o PFL e o PSDB, em Nova Iguaçu; com o PFL, em Niterói, para além da coligação com o PTB, no Rio de Janeiro, dá a radiografia do processo de degeneração nacional do PT. É uma pena.

Milton Temer (mtemer@uol.com.br) escreve nesta página às terças-feiras